

"Recuperação não será forte em 85"

por Ângela Bittencourt
de São Paulo

A redução no ritmo de crescimento da economia norte-americana no próximo ano deverá ser compensada pelo maior crescimento das economias europeias e do Japão, como abertura de novos mercados de comércio para os países devedores. No entender de Alexandre Kafka, diretor do Fundo Monetário Internacional (FMI), que iniciou a primeira sessão de conferências realizadas ontem no XV Encontro Nacional de Bancos, em Salvador. Segundo ele, a situação dos países devedores está muito melhor atualmente, na medida em que existe uma recuperação nos países industriali-

zados. "A recuperação não vai ser tão forte em 1985, mas será positiva. Neste ano, o crescimento dos países industrializados deverá ficar em torno de 5%, mas, em 1985, deverá ser pouco superior a 3%, sendo de qualquer forma um crescimento razoável."

Nos Estados Unidos, o crescimento muito rápido registrado neste ano, que deverá aproximar-se dos 6%, segunda Kafka, exigirá uma política mais cuidadosa por parte do governo norte-americano. A manutenção de um crescimento no nível de 1984, poderia desencadear um surto inflacionário e provocar, em seguida, uma restrição monetária brutal. Apesar de problemas estruturais, que não existem nos Estados

Unidos, na Europa, o crescimento deve ser melhor, embora nos últimos dez anos tenham sido criados 15 a 20 milhões de empregos novos nos Estados Unidos antes de uma perda de 2 milhões de empregos nos países europeus", disse.

Kafka lembrou que, como a participação nas exportações mundiais por parte dos países devedores é muito pequena, eles podem conquistar novos mercados. "O desaquecimento nos Estados Unidos pode ser compensado pela aceleração na Europa e no Japão. Apesar do crescimento menor do Produto Interno Bruto (PIB) nestas regiões, o crescimento do comércio ainda será elevado, em torno de 5,5 a 6% em 1985, embora sensivelmente inferior aos 8% de crescimento deste ano."

JUROS

O diretor do Fundo Monetário Internacional (FMI) falou também sobre as taxas de juros. Segundo ele, se não houver uma rápida redução do déficit norte-americano fica difícil uma queda nas taxas de juros. "Não se sabe quanto existe de folga para a taxa de juros cair do nível atual", ponderou. Kafka observou ainda que não se descarta a possibilidade de uma nova crise da dívida externa internacional, mas o mundo está desenvolvendo mecanismos para superar este problema. Baseando-se em dados do FMI, o diretor do Fundo ponderou que a tendência é de os empréstimos bancários, no futuro, servirem para composição de reservas. Segundo ele, os países devedores poderão satisfazer os serviços da dívida e melhorar o padrão de vida até o final da década.

Esta melhoria, no entanto, está relacionada também à redução do protecionismo que, segundo Kafka, tem um forte efeito sobre as dívidas dos países em desenvolvimento.

BANK OF AMERICA

Robert Heller, o conferencista que gerou maior polêmica na seleta platéia que reuniu mais de quinhentos banqueiros e representantes de instituições financeiras, centralizou sua conferência em três pontos básicos: necessidade de aumento nas exportações dos países endividados; necessidade de ampliar a poupança interna; e colocar o Banco Mundial como o garantidor de novos critérios.

O representante do Bank of America observou que 1982 foi o último ano em que o Brasil teve melhor equilíbrio entre o capital investido e o índice de exportação. "É prioritário que o País diminua sua necessidade de capital estrangeiro ou então deve au-

mentar muito suas exportações em relação ao PNB como forma de compensação."

Heller ponderou ser importante a distribuição do pagamento da dívida de forma estável, com diálogo entre as partes sobre todas as dificuldades. "Temos muitos acordos independentes, fora os com o FMI, mas os acordos de reprogramação devem ser alicerçados para o retorno de empréstimos voluntários. Se os que emprestam acham que foram obrigados, dificilmente eles voltarão a ser emprestadores voluntários do futuro", argumentou. E premente a necessidade de melhorar o acesso a financiamentos ao comércio. Ele observou que nos últimos dois anos a América Latina cortou suas importações em cerca de 40%, e essa situação não pode ser mantida.

Dai, segundo Heller, a necessidade de os devedores garantirem formas para entrada de novos créditos de organismos internacionais, como FMI e Banco Mundial ou mesmo bancos privados.